

Fascismo e bolsonarismo: relações teóricas e discursivas entre as duas práticas

Fascism and Bolsonaroism: theoretical and discursive approaches between the two practices

Kátia Menezes de Sousa¹
Universidade Federal de Goiás – UFG
km-sousa@uol.com.br

Rafael Camargo de Oliveira²
Universidade Federal de Goiás – UFG
rafaelcamargodeoliveira@hotmail.com

RESUMO: Antes mesmo de ser consumada a vitória do candidato Jair Bolsonaro, o Brasil teve, como discussão política, a questão do retorno da barbárie, isto é, do fascismo. O termo fez parte de discussões políticas dos mais diversos veículos de comunicação ainda com o então pré-candidato Bolsonaro. As comparações dos meios de comunicação em relação ao capitão da reserva aproximavam-no constantemente de atores como Donald Trump (Estados Unidos), Viktor Orbán (Hungria) e Erdogan (Turquia). Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar os enunciados produzidos pela mídia que falam sobre o fascismo e o bolsonarismo. No decorrer do trabalho nos questionamos sobre as aproximações e distanciamentos entre ambos os termos. A perspectiva teórica-metodológica tem como base os estudos discursivos foucaultianos. Em outros termos, trata-se de uma arqueologia, isto é, uma investigação das formações históricas do presente ou de como os enunciados se relacionam uns com os outros (FOUCAULT, 2012; 2014). Dito isso, nossa investigação sobre o fascismo é feita a partir de seu texto fundador (MUSSOLINI, 2019), das análises da psicologia social acerca do tema (ADORNO, 2015; REICH, 2001) e das recentes críticas do fascismo na modernidade (ECO, 2019) para que, em seguida, possamos chegar nos enunciados da atualidade acerca das aproximações entre os termos fascismo e bolsonarismo.

Palavras-chave: Fascismo; Bolsonarismo; Discurso; Arqueologia.

ABSTRACT: Even before the victory of candidate Jair Bolsonaro was consummated, Brazil had as a political discussion the question of the return of barbarism, that is, of fascism. The term was part of political discussions of the most diverse communication vehicles with the then pre-candidate Bolsonaro. Comparisons were inevitable and the reserve captain had a political speech close to that of actors like Donald Trump (United States), Viktor Orbán (Hungary) and Erdogan (Turkey). Thus, the present work aims to analyze the statements produced about fascism and Bolsonaroism. In this the work, we questioned the approximations and distances between both terms. The theoretical-methodological perspective is based on Foucault's discursive studies. In other words, it is an archeology, that is, an investigation of the historical formations of the present or

¹ Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo TRAMA: Laboratório de Pesquisas e Estudos Discursivos.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

of how the statements relate to each other (FOUCAULT, 2012; 2014). That said, our investigation of fascism is based on its founding text (MUSSOLINI, 2019), analyzes of social psychology on the subject (ADORNO, 2015; REICH, 2001) and recent criticisms of fascism in modern times (ECO, 2019) so that, next, we can arrive at the utterances of the present time about the approximations between the terms fascism and bolsonarism.

Keywords: Fascism; Bolsonarism; Discourse; Archeology.

Fascismo: o início

Dentro da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos é metodologicamente improvável falar em um “marco inicial” ou “origem” (FOUCAULT, 2000a). Entretanto, para fins de pesquisa e análise, o que se estabelece é um ponto de partida. Dessa forma, quando se trata do texto *A Doutrina*, de Mussolini (2019), como um provável começo, o que se pretende é que ele seja entendido como o início de uma investigação discursiva de base arqueológica e não o ponto zero de um movimento.

A escolha pelo texto de Mussolini como contraponto dos enunciados analisados nos últimos anos (entre 2015 e 2019) funciona tanto em consonância como em dissonância. Afinal, as matérias do *The New York Times* ou da *Folha de S. Paulo*, tratando do fascismo, retomam muito do que convencionamos chamar de “fascismo clássico”, ou seja, os escritos do líder italiano. Em alguns pontos há aproximações, enquanto em outros percebemos um distanciamento.

Para este trabalho, importa tanto a convergência quanto a divergência das ideias. Entende-se que as incoerências e inconstâncias na teoria e/ou na prática do fascismo com o bolsonarismo funcionam de forma produtiva fazendo, assim, com que haja uma ressignificação de ambos.

O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, “Fascismo, bolsonarismo e o recorte teórico-metodológico”, priorizamos a explicação do método arqueogenealógico e a apresentação dos enunciados que tratam da relação entre bolsonarismo, fascismo, autoritarismo e derivados. Em um segundo momento, “Fascismo: processos de (re)significação”, concentramos na discussão teórica do fascismo, apresentando os conceitos a partir de autores que dedicaram uma parte de suas obras ao assunto. A partir das concepções consagradas ao “fascismo clássico”, colocamos o embate entre o antigo e o novo, o neofascismo ou o “fascismo contemporâneo”.

Se na primeira parte a preocupação incidiu sobre uma escavação dos enunciados a partir de suas práticas, a segunda teve como objetivo mostrar como o conceito se transformou e ganhou nova roupagem, mais moderna, atualizada e não menos perigosa.

Fascismo, bolsonarismo e o recorte teórico-metodológico

Na noite de sábado, dia 27 de julho de 2019, ocorria o Festival de Inverno de Bonito (FIB), no Mato Grosso do Sul. No *Line-Up* houve atrações como as de Lenine e Gal Costa. Sobre a última, destacou-se não apenas a tradicional MPB e o samba da baiana Gal, como as manifestações políticas críticas ao atual governo e a dança da cantora enquanto o público gritava seu descontentamento. A cena tomou as páginas dos principais jornais pelo país e conseqüentemente diversas reações foram colocadas nas manchetes com relação ao ocorrido, no caso, as manifestações políticas nos festivais realizados.

Outro show, no mesmo evento, ficou marcado por críticas e por uma ação fortemente mal recebida pelo público presente. O artista BNegão, um dos mais importantes nomes do rock e do *rhythm&blues*, iniciou sua apresentação logo após o show de Gal Costa e seguiu o mesmo ritmo com várias críticas ao governo. O cantor questionou a violência policial e também comentou os ataques feitos nas aldeias Waljãpis, no estado do Amapá.

Em seguida, o show foi interrompido pela Polícia Militar. BNegão, em entrevista à página de entretenimento do UOL³, disse que sua apresentação foi censurada. “Estão tentando transformar em um Estado policial. Bolsonaro é o mais alto mandatário do país e o cara que passa essa permissão e incentivo diário” (UOL, 2019), disse ao portal e complementou afirmando que o show havia sido encerrado com extrema violência.

O caso narrado acima não aparece isolado e alguns outros acontecimentos vão ao encontro dessas práticas descritas. O primeiro desses acontecimentos ocorreu antes, em outubro de 2018, no período das campanhas presidenciais. No Rio de Janeiro, duas importantes universidades – a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – foram obrigadas a retirarem as faixas “Direito Antifascista” e “Direito UERJ Antifascista”. O fato percorreu diversos jornais como *O Globo*⁴, *UOL Notícias*⁵, *O Dia*⁶ e outros. Em resposta, a OAB-RJ havia acusado censura.

³ Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/31/bnegao-diz-que-teve-show-censurado-estao-tentando-transformar-em-um-estado-policial.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

⁴ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/juiza-eleitoral-determina-retirada-de-faixa-uff-antifascista-de-universidade-23186076>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

⁵ Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/26/tre-tira-faixa-antifascista-da-uff-e-fiscais-vaio-a-uerj-oab-acusa-censura.htm>>. Acesso : 03 ago. 2020.

⁶ Disponível em <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/10/5586515-alunos-da-uerj-penduram-faixa-contrario-fascismo-apos-repercussao-do-caso-uff.html#foto=1>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

Outro caso foi divulgado pela Ponte Jornalismo⁷. O fato ocorreu na terça-feira, 23 de julho de 2019, durante a 71ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Durante o encontro, um militar fardado havia gravado e fotografado os participantes reunidos no auditório da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. Em depoimento, os participantes afirmam que a sensação geral era de intimidação e que em momento algum o policial disfarçava suas atitudes.

Se levarmos em consideração, a princípio, os três casos explicitados acima, vamos perceber entre eles uma aproximação. Desde os mais recentes, como o ataque policial ao FIB e as intimidações na reunião da SBPC, até o mais antigo, as faixas antifascismo no período das eleições no Brasil em 2018, os acontecimentos trazem à tona termos como bolsonarismo, condizente ao atual representante máximo do executivo no país, e fascismo.

Este é, sem dúvida, o grande ponto a que o presente trabalho quer chegar. Como e/ou em que medida o fascismo e o bolsonarismo convergem? Seria essa a pergunta que justifica a pesquisa. Quanto às motivações, é preciso dizer que, em termos quantitativos, notou-se uma presença enorme de referências ao fascismo em diversas peças jornalísticas ou mesmo nas redes sociais.

Sobre a seleção da materialidade linguística, utilizamos artigos publicados nos principais meios de comunicação (lê-se como aqueles com maior alcance na internet e/ou em circulação/impresso) do Brasil e de diversas partes do mundo. Entendemos que as discussões sobre o fascismo e o bolsonarismo ultrapassam a barreira nacional, visto que a eleição do então candidato passou a interessar vários veículos de comunicação em diversas partes do globo, dado o interesse direto no Brasil ou mesmo para devidas comparações com pares locais. Assim, os veículos de comunicação escolhidos para a coleta do *corpus* (internacionais e nacionais) foram: *New York Times*, *Washington Post* e *The Nation* (Estados Unidos); *The Independent* (Reino Unido); *Mail & Guardian* (África do Sul); *UOL/Folha de S. Paulo*, *O Dia*, *El País*, *HuffPost Brasil*, *Ponte Jornalismo*, *Gazeta Digital*, *My News*, *Exame* e *O Estado de S. Paulo* (Brasil). Os veículos analisados apresentam espectro político alinhado desde a esquerda à direita, apontando justamente que a ocorrência da correlação entre bolsonarismo e fascismo, apesar de emergir no campo da esquerda (e podemos dizer que, inicialmente, restrito ao acadêmico e político desse espectro), se expande e ocupa outros espaços em jornais considerados de direita, centro e/ou centro-direita.

⁷ Disponível em < <https://ponte.org/militar-filma-palestra-de-cientista-que-criticou-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

A prova concreta do interesse pelo termo fascismo dá-se inicialmente pela insistência da mídia, nacional e internacional, sobre o assunto. O *HuffPost Brasil*⁸ lançou a seguinte pergunta aos especialistas: “O que é o fascismo?”. No campo internacional, jornais como o sul-africano *Mail & Guardian* dedicaram longos artigos sobre o fascismo praticado em diversas partes do mundo, nos Estados Unidos e no Brasil, por exemplo. Assim, diversos veículos da imprensa falam do fascismo não de forma aleatória, mas em relação a certos governos, como é o caso de Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Não se trata, portanto, de revirar os documentos históricos e tratar do mal do século XX na Itália de Mussolini e abordar a estática concepção. É justamente o seu oposto: trazer o fascismo para a atualidade como movimento vivo. E é nessa linha que o britânico *Independent* e o norte-americano *The Nation* abordam o fascismo em seus artigos: *Fascism has arrived in Brazil - fair Bolsonaro's presidency will be worse than you think*⁹ (INDEPENDENT, 2018) e *A genuine fascist is on the verge of power in Brazil*¹⁰ (THE NATION, 2018). Sem economizar nos adjetivos, o jornal britânico¹¹ define o então recém-eleito presidente do Brasil e seus seguidores:

He is openly hostile to democracy and will probably be the most extremist elected leader in the world. His followers have already started. His election has signalled to the most rabid and reactionary elements in Brazilian society that they can get away with murdering trans women and socialists¹² (INDEPENDENT, 2018).

O *The Nation*¹³ faz uma rápida comparação entre os grandes apoiadores de Bolsonaro e os grandes apoiadores de Hitler: “Bankers and industrialists stood behind Adolf Hitler in 1933. Bankers and industrialists stand behind Jair Bolsonaro in 2018”¹⁴ (THE NATION, 2018). Além disso, o jornal destaca o *Manifesto em Defesa da Democracia*, lançado no segundo turno das eleições, que reuniu diversos rivais políticos que consideravam a

⁸ Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/23/fascismo-no-brasil-especialistas-analisam-retorica-de-jair-bolsonaro_a_23566304/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

⁹ “O fascismo chegou ao Brasil – a presidência de Bolsonaro será pior do que você pensa” (tradução nossa).

¹⁰ “O verdadeiro fascismo está à beira do poder no Brasil” (tradução nossa).

¹¹ Disponível em <<https://www.independent.co.uk/voices/jair-bolsonaro-brazil-election-results-president-fascism-far-right-fernando-haddad-a8606391.html>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

¹² “Ele é abertamente hostil à democracia e é provavelmente um dos principais líderes extremistas eleitos no mundo. Seus seguidores já estão agindo em favor de suas políticas. A eleição de Bolsonaro já sinalizou para elementos raivosos e reacionários na sociedade brasileira que eles podem escapar de cometer assassinatos contra socialistas e mulheres trans” (tradução nossa).

¹³ Disponível em <<https://www.thenation.com/article/a-genuine-fascist-is-on-the-verge-of-power-in-brazil/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

¹⁴ “Banqueiros e industrialistas por trás de Adolf Hitler em 1933. Banqueiros e industrialistas por trás de Bolsonaro em 2018” (tradução nossa).

democracia em risco com a eleição de Jair Bolsonaro e, portanto, justificando a união entre diferentes campos políticos.

Seguindo a mesma linha temática, o *The New York Times* reserva alguns artigos como é o caso de *Whose fascism is this, anyway?*¹⁵ (NEW YORK TIMES, 2015) e *Rise of Donald Trump tracks growing debate over global fascism*¹⁶ (NEW YORK TIMES, 2016). Ambos os artigos tratam do período pós-eleição presidencial nos Estados Unidos e as pautas de Donald Trump relacionadas à imigração e à questão econômica americana.

No Brasil, embora o termo fascismo tenha sido evitado por muito tempo e utilizado apenas por veículos de comunicação independentes e de esquerda, com a eleição de Jair Bolsonaro e a repercussão mundial, alguns veículos mais à direita tiveram vários artigos assinados por seus jornalistas e colunistas, utilizando o termo fascismo ou derivados/eufemismos que falam em autoritarismo, comportamento antidemocrático, censura etc., para se referirem ao presidente, ao governo em geral ou aos integrantes e/ou apoiadores do governo. Vejamos alguns exemplos:

1. O olavismo é o partido **autoritário** que falta ao bolsonarismo (Folha de S. Paulo)¹⁷.
2. Bolsonaro **não respeita** nenhuma norma de civilidade e convivência **democrática** (O Estado de S. Paulo)¹⁸.
3. Das 10 propostas do combate à corrupção do governo Bolsonaro, quatro são **fascistas** (Reinaldo Azevedo, programa My News)¹⁹.
4. Sérgio Moro, empresários e **autoritarismo** (Exame)²⁰.

As chamadas acima demonstram como vem sendo abordado o bolsonarismo no campo político por parte dos veículos de comunicação mais liberais e/ou conservadores. Ainda que tímidos, muitos já ensaiam um posicionamento mais evidente, conforme veremos um pouco mais adiante. O que nos interessou nesse primeiro momento foi demonstrar como o fascismo se tornou pauta e assunto a ser discutido e/ou retomado. Aparentemente superadas, as discussões ou mesmo as dúvidas sobre o que é o fascismo retornam com força em diversos lugares do mundo.

¹⁵ “Que fascismo é esse, então?” (tradução nossa).

¹⁶ “A ascensão de Donald Trump reacende o debate global sobre o fascismo” (tradução nossa).

¹⁷ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/celso-rocha-de-barros/2019/05/o-olavismo-e-o-partido-autoritario-que-falta-ao-bolsonarismo.shtml>>. Acesso em: 03 nov. 2019

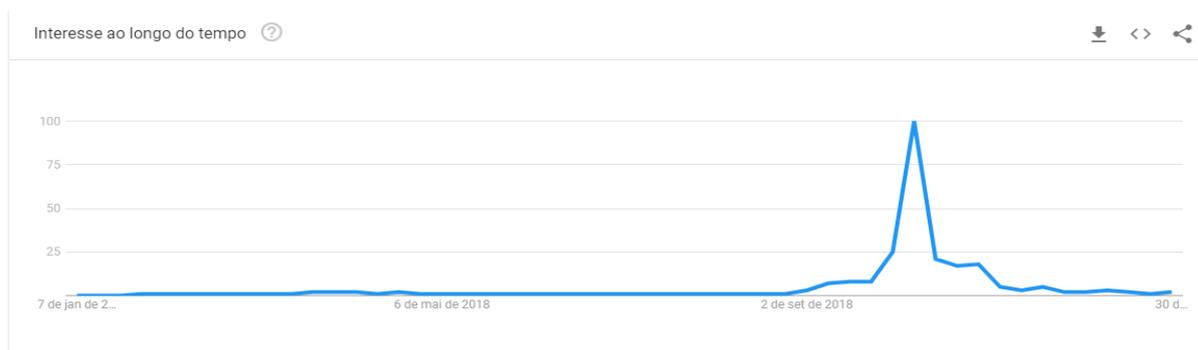
¹⁸ Disponível em <<https://www.brasil247.com/midia/estado-em-editorial-bolsonaro-nao-respeita-nenhuma-norma-de-convivencia-democratica>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

¹⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Iq_ek4YbQGw&list=PL0Ttp04MDYJdE-f17kTlstmPD3CD3EmPQ&index=15&t=0s>. Acesso em: 03 nov. 2019.

²⁰ Disponível em <<https://exame.abril.com.br/blog/sergio-praca/sergio-moro-empresarios-e-autoritarismo/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

O *Google Trends* é hoje um dos instrumentos mais eficazes para entendermos quais são os interesses de um país ou mesmo do mundo todo durante um ano. A ferramenta elabora um ranking dos termos mais buscados pelos usuários e pode, hoje, ser considerada a principal e a maior ferramenta de buscas do mundo. Assim, ao divulgar o que esteve em alta no ano de 2018 no Brasil, o *Google Trends* apresenta, em primeiro lugar, a seguinte pergunta: “o que é fascismo”.

Figura 1 - Gráfico de buscas do Google



Fonte: GOOGLE TRENDS, 13 nov. 2019.

O gráfico acima apresenta o interesse na pergunta ao longo do tempo (lê-se, ao longo de 2018). Nota-se que há um pico nas buscas entre o período de 7-13 de outubro, que seria o período em que estavam acontecendo as campanhas presidenciais. Coincidência? Entendemos que, numa análise de discursos, nada funciona por mero acaso e é por isso que, a partir de agora, faremos algumas considerações teórico-metodológicas para que não sejam feitas atribuições meramente casuísticas sobre as análises que serão feitas adiante.

Em primeiro lugar, o presente trabalho se inscreve nos estudos discursivos foucaultianos. Nessa linha teórico-metodológica destacamos as produções de Fernandes Junior (2015, 2016) e Sousa (2015). Todos os textos mencionados seguem a perspectiva de análise de discursos sob a ótica de Michel Foucault, inaugurados a partir da publicação de *A Arqueologia do Saber* (2012).

Para que possamos entender o funcionamento da análise, retornaremos a um dos acontecimentos narrados no início deste tópico: a intervenção policial no show do músico BNegão. A princípio, a divulgação do fato pode ser considerada uma peça jornalística. Noticiou-se algo “fora da normalidade” cotidiana, pois o que seria aparentemente um show com muita música e diversão, acabou se tornando um campo de batalha entre policiais e público. Diante da anormalidade do caso e da importância do evento localmente, a imprensa

contou o que aconteceu a partir de registros feitos pelo público nas redes sociais e também pela própria fala do artista envolvido. Tudo isso pode ser colocado dentro de um campo do gênero jornalístico, responsável por prezar exclusivamente pela informação, certo? Não exatamente.

É possível dizer, dentro do campo teórico em que nos inscrevemos, que nenhum texto noticioso ou mesmo um livro existe por si mesmo. O próprio gênero jornalístico precisa se conectar com uma dada realidade para que narre os seus acontecimentos. É possível dizermos que a relação que se estabelece entre a peça jornalística e a realidade seria o seu contexto. E o que seria o contexto? A cidade de Bonito? O local onde ocorreu o FIB? Mas se pensarmos que o evento é anual e que nos anos anteriores essas práticas não haviam ocorrido, então o contexto não nos parece tão determinante assim.

Assim, chegamos em um ponto importante sobre a intervenção policial no FIB: como o festival deixou de ser um festival e transformou-se em um espaço de conflito? Se pensarmos no estopim da confusão, recordaremos da manifestação política feita pelo artista e lembraremos da reação quase instantânea das autoridades. Isso nos faz também pensar nas escolhas, afinal, por que um portal voltado exclusivamente para o entretenimento resolveu trazer uma abordagem política para sua audiência? Para que possamos entender cada um dos elementos abordados é preciso visualizá-los não como uma unidade isolada.

O acontecimento sobre a confusão no show é um “ponto em uma rede” que está sempre em relação de apoio e de dependência em relação a outros. A notícia sempre está ligada a um sistema de indicações que pode remeter – de maneira explícita ou não – a outras notícias, matérias, artigos que fazem alusão a outros acontecimentos e que não estão, da mesma forma, isolados.

A grande questão é que o cenário que é exterior ao texto, mas não é apenas contextual, é histórico, trouxe realidades, como os conflitos no show, a disputa dos estudantes nas universidades cariocas e os enunciados trazidos pelos militares durante a participação deles na SBPC. Todos esses fragmentos – as falas e os gestos dos artistas, as faixas nas universidades, as imagens de policiais durante a intervenção no Festival – serão chamados por nós de enunciados, isto é, uma partícula menor do que chamaremos posteriormente de discurso. Reafirmando nossa posição, Silva (2004, p. 161) diz que “o enunciado é concebido como a unidade do discurso [...]” que, conforme Foucault (2012), constitui uma função pelo fato de cruzar um domínio de estruturas e unidades possíveis e de fazer com que elas apareçam, com conteúdo concreto, no tempo e no espaço.

Em seu texto “Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de Epistemologia”, Foucault (2000b, p. 93) trata de explicitar para os seus críticos o seu método arqueológico que consiste justamente em analisar o discurso a partir dos enunciados. Assim,

a análise do discurso tem uma finalidade completamente diferente, trata-se de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento, de determinar as condições de sua existência, de fixar da maneira mais justa os seus limites, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados aos quais ele pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação ele exclui (FOUCAULT, 2000b, p. 93)

A citação acima nos esclarece que uma pesquisa de caráter arqueológico tem como condição principal a busca pelos enunciados, entendidos em suas respectivas singularidades e em seu acontecimento, e, ainda, pela regra de formação desses enunciados que se organizam a partir da correlação com outros enunciados. Entretanto, antes de compreendermos melhor o que é o enunciado em Foucault, é preciso entendermos o que é a arqueologia, isto é, do que se preocupa um estudo de método arqueológico.

A arqueologia tem como sustentação teórica alguns outros conceitos essenciais trazidos por M. Foucault em diversos momentos de sua produção. O primeiro deles é a noção de descontinuidade. No início d’*A Arqueologia do Saber* (2012), Foucault diz que, “há dezenas de anos que a atenção dos historiadores se voltou, de preferência, para longos períodos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 3). A crítica é direcionada ao modo de se fazer história, voltada para os grandes acontecimentos, a história das continuidades. Segundo o autor, “a história contínua é o correlato da consciência: a garantia de que o que lhe escapa poderá lhe ser devolvido” (FOUCAULT, 2000b, p. 86). Assim, “querer fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o tema originário de qualquer saber e de qualquer prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento” (FOUCAULT, 2000b, p. 86).

A preocupação do filósofo francês com o problema da história dos grandes acontecimentos, ou a análise do discurso do contínuo, tinha uma ligação direta com a noção de sujeito consciente, afinal, o que se buscava nesse modelo de análise era o encontro de uma origem, um marco. Se fôssemos fazer uma história das origens e das continuidades do fascismo, poderíamos considerar o início do governo de Benito Mussolini, em 1922 na Itália, como o marco inicial, a origem do fascismo. Nossa preocupação, nesses termos, seria em dizer sobre esse “espírito de época” ou essa “Era fascista” que marcou a humanidade no início do século XX. Construiríamos, assim, uma consciência ou tomada de consciência humana

acerca do fenômeno do fascismo. Entretanto, nossa proposta aqui não é considerar o fascismo em sua origem, mas estabelecer um ponto de partida, um recorte que nos possibilite fazer uma análise não do contínuo, mas do descontínuo. E onde encontraremos essa descontinuidade? Ou o que é fazer uma história das descontinuidades?

De acordo com Foucault (2012, p. 3-4), “por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca ou da irrigação [...]”. O que M. Foucault tenta nos mostrar aqui é que todas essas histórias que acontecem de forma micro, quase imperceptíveis ao nosso olhar, fogem das estruturas das grandes guerras e revoluções, escapam das noções de “era” ou “espírito de uma época”. Trata-se, portanto, de observar e analisar os acontecimentos não como algo dado, pronto e fechado em si, denominado e marcado em um determinado período, mas compreender suas regras de formação e as diversas aberturas e possibilidades que isso desencadeia dentro de uma análise do ponto de vista da arqueologia.

Esclarecida a questão da descontinuidade na história, M. Foucault apresenta um outro recurso teórico essencial na arqueologia: a noção de acontecimento. Segundo o autor, o campo dos acontecimentos se constituiria como regra de construção dos enunciados e, sobre esse campo, Foucault (2012, p. 33) diz que ele é

o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?

Assim, tomando como norte essa ideia de acontecimento, Foucault (2012, p. 33) acrescenta para a análise arqueológica uma questão fundamental: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”. O que vai determinar o surgimento ou o aparecimento de um enunciado será um outro enunciado. Se pensarmos novamente na questão do fascismo e colocarmos essa pergunta como norteadora deste trabalho talvez seja possível entender com mais clareza essa relação. Ora, o que faz com que a mídia apresente o bolsonarismo e o fascismo como dois termos muito próximos? São exatamente outros enunciados que, postos em relação, nos possibilitam essa percepção. Ao analisarmos o fascismo em sua descontinuidade, a partir de acontecimentos discursivos, encontraremos

enunciados que se ligam a ele, como a questão do nacionalismo, o autoritarismo, o racismo etc., e estes se relacionam com o termo atribuído a uma certa “ideologia” que o recém-eleito presidente traz consigo e é reproduzida por seus seguidores.

Ainda sobre a questão dos enunciados e das formas como eles se ligam uns aos outros, podemos retomar alguns acontecimentos citados no início deste texto para melhor compreensão. Podemos nos perguntar, portanto, qual é a correlação que pode ser estabelecida entre o FIB, a luta dos estudantes para colocarem suas faixas nas universidades, a filmagem dos policiais, o interesse da mídia nacional e internacional pelo termo fascismo e o interesse do público nas buscas para saber “o que é o fascismo”? Para isso, como dissemos, é preciso estabelecer uma relação entre enunciados (FOUCAULT, 2012). No entanto, após a descrição do funcionamento dos enunciados, faz-se necessário entender o que pode ser considerado um enunciado em uma análise arqueológica e, por fim, o que é um discurso e qual a sua relação com os enunciados.

Por enunciados, entendemos não um conjunto de frases ou sentenças, mas como aquilo que pode ser efetivamente dito. Nesses termos, um enunciado é um “átomo do discurso” (FOUCAULT, 2012, p. 96), e o nosso trabalho é reunir tais enunciados, isto é, seus sistemas de funcionamento e seus acontecimentos, a formação de um arquivo, para que possamos, assim, descrever suas regras de funcionamento e podermos, enfim, chegar ao seu discurso. Sobre a noção de arquivo, Foucault (2012, p. 158) diz que

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas.

Se juntarmos todos os pontos, uma análise arqueológica compreende, em resumo, a descontinuidade, a análise dos enunciados como acontecimentos, reunidos em um arquivo para que, enfim, possamos pensar na constituição do discurso. Sobre este último, M. Foucault define o discurso como “[...] um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2012, p. 131). Gregolin (2006) explica que o conceito de discurso traz consigo a ideia de prática, entendidas como grupo de regras “anônimas, históricas, sempre determinadas no

tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2012, p. 144).

Os enunciados apresentados anteriormente partem de uma materialidade (a peça jornalística, seja ela uma entrevista, um artigo ou simplesmente uma fala registrada) para que se possa chegar a uma exterioridade que não é um contexto, mas uma série de condições de possibilidades históricas. Nesse caso, devemos levar em consideração os seguintes fatores externos para a análise dos enunciados: i) a situação política nacional; ii) a crise econômica; iii) os problemas de segurança local e o aumento da insegurança da população; iv) a atribuição da culpa a certos grupos sociais; v) a incapacidade de resolver os problemas e a necessidade de heróis com fórmulas prontas; vi) a valorização da repressão como ponto de resolução para todos os problemas sociais e econômicos; vii) o histórico cívico-militar brasileiro; viii) o descontentamento político e a religiosidade como saída; ix) e a descaracterização das famílias tradicionais. Esses são alguns dos elementos recuperados nos acontecimentos recentes que podem atravessar os enunciados no estabelecimento das correlações entre eles.

Ao nos perguntarmos sobre a possibilidade de emergência do termo fascismo nos mais diversos enunciados atuais, compreendemos também que tais enunciados compõem uma rede sobre o discurso político contemporâneo. Tal concepção traz uma espécie de campo político que supõe algumas ordenações como a rivalidade, a identificação ideológica e a participação ativa dos pares que apoiam e/ou rivalizam com determinado programa, produto político, conceito ou acontecimento (PIOVEZANI, 2007).

É centrada no cenário político que nossa análise ocorre. Assim, a escolha pela mídia e, especificamente, pelos artigos, editoriais, notícias e entrevistas são por conta da visibilidade que os meios de comunicação oferecem e pela capacidade de promoção do debate e de dizibilidade e visibilidade das realidades sociais (GOMES, 2003).

Após as considerações feitas, acreditamos ter demonstrado que os acontecimentos pré e pós eleições, assim como as intensas pesquisas sobre fascismo e o interesse pela mídia no assunto não sejam meras formalidades ou coincidências. No campo político, há um intenso debate sobre o fascismo, e nosso trabalho é compreender as condições de possibilidade históricas – e podemos acrescentar também as formas de enunciação excluídas em prol de outras – ara que tais enunciados se tornassem possíveis em pleno século XXI. Nossa base é a arqueologia foucaultiana e o seu sistema de correlações entre os enunciados.

O *Huffpost Brasil* traz um intenso debate²¹ sobre o fascismo com diversos especialistas:

O histórico do deputado não conta a favor. Ele já defendeu publicamente o fuzilamento de petistas e [...] sugeriu exílio ou cadeia para opositores. Exalta a ditadura militar e torturadores e já deu declaração preconceituosa sobre mulheres, LGBTs e negros.

Para o cientista político, João Roberto Martins Filho, professor da Universidade Federal de São Carlos, um dos pontos de comparação do discurso de Bolsonaro com o fascismo e o nazismo é a existência de “um espantinho para quem endereçar todo o mal”. “No caso deles era o comunismo, no nosso, é o ódio ao PT alimentado por grande parte da população” (HUFFPOST BRASIL, 2018).

Um outro cientista político que participa da matéria, Paulo Henrique Cassimiro, da Uerj, lança a seguinte pergunta: “É exagero dizer que existem elementos fascistas no discurso político do Bolsonaro? Não”. O professor questiona o uso do termo fascismo, embora confirme que existam elementos fascistas em Bolsonaro. As definições dos especialistas são importantes, primeiro, porque atualizam o conceito estabelecido no século XX e, segundo, que, ao não definir o então candidato como fascista, atribui-lhe “elementos fascistas”. Ainda deve-se considerar um terceiro e não menos importante elemento na análise da fala dos especialistas: o direito privilegiado de fala daqueles que possuem um saber específico (nesse caso, o conhecimento científico acerca do tema fascismo).

Outra relação importante é feita pelo pesquisador Wilson Gomes, da UFBA, ao estabelecer o termo milícia ao fascismo italiano. Se na Itália existiram as chamadas milícias disciplinadas em prol do projeto de Mussolini, no Brasil, o bolsonarismo tem uma atualização desse movimento que são as milícias digitais.

O *The Nation*, jornal americano, escreve em seu artigo *A genuine fascist is on the verge of power in Brazil*²² algumas características do novo presidente brasileiro. Nas primeiras linhas, o jornal retoma o personagem Arturo Ui, da peça de Bertolt Brecht que satiriza a ascensão de Hitler. Após a comparação com o ditador alemão, o *The Nation* apresenta o presidente como dotado de “family values”²³, além de ser um “gun-loving christian fundamentalist, baptized in Israel in 2016”²⁴ (THE NATION, 2018).

Recentemente, *O Globo* e a *Veja* reproduziram uma fala do presidente como sendo de direita. Nesse aspecto, é possível estabelecer um campo de correlações entre o que os jornais

²¹ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/23/fascismo-no-brasil-especialistas-analisam-retorica-de-jair-bolsonaro_a_23566304/. Acesso em: 2 jan. 2019.

²² “Um fascista genuíno está à beira do poder no Brasil” (tradução nossa).

²³ “valores familiares” (tradução nossa).

²⁴ “cristão fundamentalista apaixonado por armas, batizado em Israel no ano de 2016” (tradução nossa).

apresentaram sobre o fascismo e as declarações do atual presidente da república. Assim, temos que estão colocados, em relação ao bolsonarismo e ao fascismo, os “valores familiares”, o ódio a um inimigo declarado, a presença de elementos fascistas, a comparação entre a sátira de Hitler (o personagem de Brecht) e o presidente da república, o amor às armas e o cristianismo fundamentalista com laços em Israel.

O sul-africano *Mail & Guardian* reforça o militarismo do presidente brasileiro e compara Jair Bolsonaro a Donald Trump, por serem apresentados como políticos de direita e de estabelecerem uma guerra cultural diante dos inimigos. Dessa forma, Bolsonaro é comparado a outras figuras de extrema-direita, como o húngaro Viktor Orbán, o turco Erdogan e o filipino Rodrigo Duterte. Em comum, todos eles defendem a família tradicional, se posicionam de maneira xenófoba com relação aos imigrantes e são declaradamente, assim como Bolsonaro, de direita.

Com efeito, compreende-se que os três representantes citados são vistos como ditadores. Alguns fatos colaboram: Orbán e Erdogan são acusados de violação dos direitos humanos por diversas entidades, e Rodrigo Duterte é responsabilizado internacionalmente por promover uma política antidrogas que levou à execução de quase 10 mil pessoas com as chamadas execuções extrajudiciais (EL PAÍS, 2017).

A referência a Bolsonaro traz discursos que o apresentam como defensor dos valores cristãos fundamentalistas, apoiador convicto da liberação das armas, protetor do regime militar no Brasil, declaradamente de direita e alinhado a políticos, como Trump, Duterte e Orbán. A aproximação do bolsonarismo com a onda de direita que vem assolando o mundo fez com que diversos juristas, intelectuais e ex-ministros assinassem um manifesto²⁵ suprapartidário em defesa do candidato Fernando Haddad, rival de Bolsonaro no segundo turno. No texto é dito que

Os avanços civilizatórios são como degraus. Subimos um a um. Unimo-nos para ajudar a todos nessa subida. Tolerância, solidariedade, direitos iguais, respeito às diferenças. É isso que nos move e é o combustível de todos os povos e nações que vivem e convivem em democracia.

A democracia não existe sem pluralismo político, social e moral, algo inevitável numa sociedade complexa como a nossa.

A democracia só aceita disputas entre adversários, não entre inimigos, só admite a política, não a guerra, formas pacíficas de disputa, não violentas.

²⁵ Disponível em <<https://www.gazetadigital.com.br/imprime.php?cid=553275&sid=10>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

A democracia só existe limitada pelos direitos dos indivíduos e das minorias, para que não se torne uma ditadura da maioria. Democracia é a paz com voz!

O manifesto é assinado por ex-ministros do STF, ex-procuradores da República, ex-ministros de estado e chefes da AGU, ex-presidentes da OAB, reitores e ex-reitores e representantes políticos de diversos partidos políticos e de instituições. Essa informação é importante, pois demonstra que a preocupação com a democracia não se caracteriza como algo exclusivamente da esquerda progressista e seus jornais e, novamente, traz um seletivo grupo de pessoas em posição de influência na sociedade. Além disso, o manifesto, a partir dos discursos que atravessam seus sujeitos, traz algumas definições sobre o que o bolsonarismo é ou deixa de ser para o público.

Em primeiro lugar, um manifesto “a favor da democracia” e abertamente em apoio ao rival das eleições do Partido dos Trabalhadores já nos diz muita coisa. Se o manifesto é a favor da democracia e contra as práticas políticas apresentadas sustentadas pelo bolsonarismo, entende-se que, a partir dessa concepção, o bolsonarismo destoa da democracia e é, portanto, contrário a ela. E, se nas definições de democracia apresentadas pelo manifesto, destacam-se a preocupação com as minorias, o pluralismo político e social e a não admissão da existência de inimigos, significa então que, no bolsonarismo, não há preocupação com as minorias, nem com pluralismo político e admite-se apenas a inimizade e não a rivalidade política.

Se o manifesto fala em avanço civilizatório, significa, na visão daqueles que assinam o manifesto, que o bolsonarismo tende ao retorno a uma cultura incivilizada. O bolsonarismo é, para o movimento suprapartidário, descivilizado e antidemocrático. É curioso ainda pensar que, no mesmo período, vários outros manifestos em favor da democracia foram lançados, sejam eles por representantes de alunos e professores nas universidades, jornalistas, ONGs e outras entidades com forte representatividade e apelo social.

Se se pensar em descrever um campo associativo de significações sobre o bolsonarismo e o fascismo, vamos encontrar termos como “direita”, “antidemocrático”, “ditadura”, “censura”, “militarismo”, “anti-pluralismo”, “xenofobia”, “contra minorias e políticas sociais” e “defesa da família tradicional”. Esses são apenas alguns dos elementos possíveis de se estabelecer em uma correlação entre os enunciados sobre o bolsonarismo e o fascismo já apresentados.

No *New York Times*, mais especificamente no artigo *Rise of Donald Trump tracks growing debate over global fascism*²⁶ (NEW YORK TIMES, 2016), Bolsonaro ocupa o

²⁶ “Crescimento de Donald Trump acompanha o debate sobre o fascismo pelo globo” (tradução nossa).

espaço do fascismo junto de Donald Trump e outros. O jornal reforça a ascensão do nacionalismo frente aos problemas econômicos dos países e à população, em especial a classe média, que passa a apoiar políticas populistas de exclusão. O texto continua explicando que

There is a tendency at times to try to fit current movements into understandable constructs – some refer to terrorist group in the Middle East as islamofascists – but scholars say there is a spectrum that includes right-wing nationalism illiberal democracy and populist autocracy²⁷ (NEW YORK TIMES, 2016)²⁸.

Também sobre o fascismo, o *The Washington Post* escreveu *This is how fascism comes to America*²⁹ e ressalta que “fascist movements had no coherent ideology, no clear set of prescriptions for what ailed society”³⁰ (WASHINGTON POST, 2016)³¹. Seguindo a mesma linha de raciocínio do NYT, o jornal da capital americana apresenta alguns novos pontos e ressalta a contradição do nazismo e do fascismo italiano. Embora hoje eles sejam descritos em diversos aspectos, o veículo declara como espantosa a forma inorgânica e desorganizada das massas. Seria essa, portanto, a dificuldade em identificar tais movimentos e, por isso, podemos dizer que esse seja um dos motivos da dificuldade de vários pesquisadores ou mesmo da própria mídia nacional em qualificar o atual movimento como ligado de alguma forma ao fascismo.

Fascismo: processos de (re)significação

Se pensarmos em perspectiva histórica tradicional e linear, o fascismo surgiu na Itália em 1922, quando Benito Mussolini chega ao poder. Sua queda ocorre em 1943, dois anos antes do fim da Segunda Guerra. Entretanto, alguns aspectos se fazem importantes principalmente nos períodos que antecedem e sucedem o fascismo enquanto acontecimento histórico, isto é, anterior a 1922 e posterior a 1943. Para a nossa análise, faz-se importante analisar o cenário político e as condições de possibilidade históricas que tornaram possível a

²⁷ “Há uma tendência às vezes para tentar encaixar os movimentos atuais em construções compreensíveis – alguns se referem a grupos terroristas no Oriente Médio como islamofascistas –, mas os estudiosos dizem que há um espectro que inclui nacionalismo de direita, democracia iliberal e autocracia populista” (tradução nossa).

²⁸ Disponível em <<https://www.nytimes.com/2016/05/29/world/europe/rise-of-donald-trump-tracks-growing-debate-over-global-fascism.html>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

²⁹ “É assim que o fascismo chega na América” (tradução nossa).

³⁰ “Os movimentos fascistas não tinham uma ideologia coerente, e nenhum registro claro de prescrições para uma sociedade que está adoecida” (tradução nossa).

³¹ Disponível em <https://www.washingtonpost.com/opinions/this-is-how-fascism-comes-to-america/2016/05/17/c4e32c58-1c47-11e6-8c7b-6931e66333e7_story.html>. Acesso: em 03 nov. 2019.

emergência do fascismo no período mencionado, assim como sua sombra ao longo do século XX.

É interessante que, apesar de o fascismo italiano ter tido seu fim decretado em 1943, ele não deixou propriamente de existir. Pelo menos não enquanto ideia. Explica-se: em uma conferência proferida na Columbia University em 25 de abril de 1995, o filósofo Umberto Eco (2019) traz o conceito “fascismo eterno” (Ur-Fascismo). A preocupação dos departamentos de italiano e francês da referida instituição está diretamente ligada ao atentado em Oklahoma³² e pela descoberta de que existiam organizações militares de extrema-direita nos Estados Unidos.

Antes de retornarmos à conferência de Umberto Eco, devemos destacar alguns outros acontecimentos pós-fascistas italianos. São eles: o nazismo na Alemanha (1933), o franquismo na Espanha (1939) e os governos ditatoriais na América Latina, como é o caso do Paraguai (1954), Brasil e Bolívia (1964), Argentina (1966), Peru (1968) e Chile e Uruguai (1973). Todos esses movimentos políticos receberam uma influência do fascismo italiano e, mais especificamente, d’A *Doutrina* (MUSSOLINI, 2019), texto base das ideias do regime italiano.

A pergunta que tem nos movido até o momento é se, ao longo de todo o século XX, o fascismo, enquanto um movimento político de influência, permaneceu o mesmo em sua base conceitual e prática. E, ainda sobre a mesma questão, devemos nos perguntar se atualmente as aproximações entre o bolsonarismo e o fascismo são tão evidentes ou se há transformações (e se existem, quais seriam), ou como e em que medida esses dois termos se aproximam.

Para falarmos primeiro em similaridades, *A Doutrina* define o fascismo como um sistema de pensamento universal com base religiosa (MUSSOLINI, 2019). Encontra-se aqui, portanto, uma primeira diferença entre o fascismo hoje e a doutrina pregada pelo *Duce* italiano. Ao surgir enquanto movimento político, o fascismo não trazia consigo nenhuma significação negativa, isto é, não se sabia o quão ruim poderia ser o fascismo para a população. E isso fez uma grande diferença em sua propagação, pois hoje não são os bolsonaristas que se dizem fascistas, mas os seus adversários que os acusam. Definir-se como fascismo hoje é estar do lado de uma política explicitamente voltada às pautas de

³² O autor explica em nota, no início do livro, que o texto da palestra intitulada “Totalitarismo fuzzy e Ur-Fascismo” foi pensado para um público de estudantes americanos e que a conferência ocorre logo após o atentado de Oklahoma. Sobre o incidente, um grupo movido contra o ódio de extrema-direita cometeu um ato de terrorismo ao explodir um prédio matando pelo menos 162 pessoas em Oklahoma City, Oklahoma, Estados Unidos. O atentado ocorreu na data de 19 de abril de 1995 e até o 11 de setembro, o massacre em Oklahoma havia sido considerado o mais mortal ato terrorista na história dos Estados Unidos. Atualmente, ele continua sendo considerado o incidente doméstico (cometido por cidadãos americanos) mais mortífero do país.

eliminação/extermínio dos indivíduos. Entretanto, ainda que o termo fascismo não tenha sido assumido pelos bolsonaristas (e acrescentamos aqui as construções históricas do pós-Segunda Guerra que tornaram o “fascismo” e o “nazismo” termos praticamente proibidos), ainda há a construção das relações entre os enunciados proferidos pelos bolsonaristas que fazem com que não só seus adversários, mas a mídia (que se apresenta como “neutra” nesse embate que ela mesma considera “ideológico”) também associe ou faça “colar” a concepção de fascismo no bolsonarismo.

Sendo assim, não se denominar fascista então não os torna fascistas? Esse é o grande ponto que queremos tratar. O que está sendo analisado aqui são os enunciados e suas práticas e, talvez neste ponto, o fascismo apareça silenciado enquanto ideia, mas vivo enquanto discurso. Um ponto de encontro entre o fascismo e as políticas do governo Bolsonaro é o socialismo enquanto inimigo comum a ser combatido.

Eleger um inimigo comum, rejeitar o pacifismo, valorizar a guerra constante e questionar os órgãos internacionais de administração de conflitos (como por exemplo, a Organização das Nações Unidas – ONU) são alguns dos elementos defendidos por Mussolini em sua doutrina. Se na época de Mussolini não havia uma ONU consolidada, suas críticas foram direcionadas à Liga das Nações, uma espécie de pré-ONU que tentou mediar os conflitos após a Primeira Guerra.

Se há uma sucessão de noções e ideias que aproximam o fascismo clássico italiano de práticas recentes, há também aquelas que os distanciam e que para nós parecem tão importantes quanto. Mussolini caracterizou a democracia e o socialismo como inimigos, mas não só eles. O liberalismo também foi considerado um inimigo a ser derrotado. Se pensarmos nas questões atuais, o neoliberalismo (sucessor direto do liberalismo) não enfrenta rejeição nas políticas que simpatizam com o fascismo. Brasil, Estados Unidos, Chile e vários outros países com governantes alinhados às práticas do fascismo consideram o neoliberalismo um aliado e não um inimigo.

E é justamente neste ponto que é interessante retomarmos a conferência de Eco. Segundo o autor, o fascismo foi administrado por uma grande incoerência, de seus pares e principalmente de seu líder, pois Mussolini

Começou como ateu militante, para em seguida assinar a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziavam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez que Deus o fulminasse ali mesmo para provar que existia. Evidentemente, Deus estava distraído. Nos anos seguintes, em seus discursos, Mussolini citava sempre o nome de Deus e não desdenhava o epíteto “homem da providência”. Pode-se dizer que o

fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini (ECO, 2019, p. 29).

A descrição feita por Eco acima, com tons de provocação, revela um pouco da incoerência do fascismo. Ateu convicto, Mussolini vê uma oportunidade com os cristãos e faz as devidas adaptações para que o fascismo receba o apoio da Igreja. Dessa forma, uma das grandes características do fascismo é sua capacidade de entender o movimento e os anseios de uma época e, para isso, a incoerência é um importante recurso.

Em outro momento importante, Eco defende a tese de que “o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas, filosóficas, um alveário de contradições” (ECO, 2019, p. 32). Com essa afirmação, não nos torna espantosa, em um único governo, a presença de ideias conservadoras e liberais ocupando o mesmo (ou quase o mesmo) espaço.

Ainda no texto “Fascismo eterno” é possível termos mais algumas atualizações do fascismo. Além da incoerência, temos a adaptabilidade, o culto à tradição, a recusa da modernidade, a preferência pela ação e não pela reflexão, a ideia de que “desacordo é traição”, o apelo às classes médias frustradas, o nacionalismo e a obsessão pela conspiração, a ideia de que os “inimigos são ao mesmo tempo fortes demais e fracos demais”, o antipacifismo, desprezo pelos menos favorecidos (considerados fracos), a ideia de que “cada um é um herói”, a transferência da vontade de poder para questões sexuais (e por isso o machismo e o ódio aos homossexuais), populismo e a novilíngua (simplificação da língua) como instrumento de comunicação.

Os estudos da sociologia foram de grande importância para que se pudesse entender o fascismo. Por outro lado, diversos autores do campo da psicologia social e da psicanálise trouxeram uma visão que pretende aproximar os estudos da história em conjunto com a psicologia social e/ou psicologia de massas. As contribuições de Reich (2001) e os ensaios de Adorno (2015) vão elucidar alguns pontos.

Antes de falarmos em Adorno ou Reich é preciso voltar especificamente a 1921. Foi nesse ano que tivemos a publicação de *Psicologia das massas e análise do eu*, de S. Freud. Nas palavras de Adorno, em seu ensaio *Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista*, o famoso médico austríaco antecipa o problema do fascismo: “Freud, apesar de seu pouco interesse pela dimensão política do problema, claramente antecipou o surgimento e a natureza dos movimentos de massa fascistas em categorias puramente psicológicas” (ADORNO, 2015, p. 157).

Nestes termos, o fascismo tem uma base/dimensão que não é propriamente política, mas que o constitui. Outra resolução importante que podemos retirar do texto freudiano é que sua publicação antecede o fascismo enquanto movimento consolidado, reforçando a ideia de que ele não foi constituído unicamente por uma onda político-partidária da época.

Basicamente, o líder fascista não é em hipótese alguma um ser superior ou hipnotizante como alguns assim o definem. Para Reich (2001, p. XIX), a figura do fascista é a mesma do que ele chamou provocativamente de zé ninguém. Segundo o autor,

a mentalidade do fascista é a mentalidade do zé ninguém, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. Não é por acaso que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do zé-ninguém. O magnata industrial e o militarista feudal não fazem mais do que aproveitar-se deste fato social para os seus próprios fins, depois de ele se ter desenvolvido no domínio da repressão generalizada dos impulsos vitais. Sob a forma de fascismo, a civilização autoritária e mecanicista colhe no zé-ninguém reprimido nada mais do que aquilo que ele semeou nas massas de seres humanos subjugados, por meio do misticismo, militarismo e automatismo durante séculos. O zé-ninguém observou bem demais o comportamento do grande homem, e o reproduz de modo distorcido e grotesco.

Assim, a personalidade autoritária do fascista apresentada por Adorno assemelha-se bastante ao zé ninguém apresentado por Reich. Ambos não são produtos de mentes doentias, mas sim fruto de um pensamento adormecido em um determinado tipo de sujeito, no caso, o homem médio.

A fonte do autoritarismo é, em termos psicanalíticos, a identificação com a figura paterna e a sua concepção enquanto autoridade familiar. Além disso, a fonte do autoritarismo é o fracasso social. É dessa forma, portanto, que Adorno (2015) aproxima o homem médio de seu líder. Explica-se: o sujeito fracassado com sua doença (neurose ou psicose) se encontra com outros em uma mesma situação. Estes se compadecem e “se vendem” para novas ideias que trazem consigo características bélicas, xenofóbicas e racistas. Mussolini e Hitler são apenas exemplos de sujeitos atravessados pela simpatia do autoritarismo que atingiu as famílias modernas e que possivelmente pode explicar o fantasma do autoritarismo do século XX e ainda existente em pleno século XXI.

De que forma, tudo isso se conecta ao bolsonarismo? Se por um lado é possível estabelecer relações com o fascismo clássico por meio dos preconceitos, da manutenção da tradição e da recusa da modernidade (ciência), por outro, o bolsonarismo se apoia fortemente no neoliberalismo com sua equipe econômica e não parece seguir o fascínio pela oratória e pelo modo de vestir dos nazistas e fascistas italianos.

Talvez seja esse o ponto de resignificação do fascismo. Se se pensar em um fascismo clássico, italiano ou alemão, lembraremos dos desfiles, do discurso do Führer e de sua imagem inquisidora. Por outro lado, permanece no fascismo hoje a sua principal característica clássica: a capacidade de adaptação. Isso, sem dúvida, muda o jogo. Faz com que o fascismo se ampare em modelos democráticos, mas não exclui seus sujeitos médios e frustrados; não abandona a classe média raivosa; não deixa de proporcionar soluções simples e catastróficas; reforça o ambiente de guerra, isto é, antipacifista; adapta-se à realidade da política movida por dados e não mais pela fala agressiva e pesada de seus líderes; não mais o fascínio excessivo pelas vestimentas, mas o respeito pela hierarquia militar; e, o mais importante, flerta com aqueles que sustentem suas contradições. Se na época de Mussolini e Hitler o liberalismo era inconcebível como aliado, hoje a história é outra, e Pinochet e a ditadura chilena são demonstrações de que uma aliança é possível.

Por fim, uma análise mais detalhada entre as concepções apresentadas por Eco, Reich e Adorno nos faz perceber que, se considerarmos a capacidade de adaptação, nada mais seria válido. Entretanto, ainda que adaptável, o fascismo apresenta alguns limites. O primeiro é o de sua própria característica de formação psíquica na construção de seus discursos. Afinal, se sua base é patriarcal, a ausência desta impossibilita a lógica do sistema fascista. Prova disso são as repetições e padrões apresentados nas análises de enunciados de lugares distintos, seja na África do Sul, Estados Unidos ou Brasil, que reforçam os preconceitos e o ambiente bélico do fascismo.

Em segundo lugar, o fascismo é uma resposta ao fracasso, econômico ou moral, de seus indivíduos ou mesmo da sociedade. E nesse ponto, nem Reich, Adorno ou Freud parecem incorretos em suas percepções. Ainda que não tivessem analisado a crise de seu período de um ponto de vista amplamente econômico (crises, quebra da bolsa, endividamento externo etc.), o acerto se faz presente no fracasso do sujeito, reflexo da crise, seja ela de qual for a natureza.

Assim, o aspecto moral surge como base de sustentação dos problemas. Defender os valores e princípios judaico-cristãos, como querem seus líderes hoje e sempre, é um mecanismo de defesa que funciona por meio de uma tecnologia de poder chamada autoritarismo.

Considerações finais

O presente texto teve como principal objetivo demonstrar as aproximações entre o fascismo, visto de uma perspectiva atual, e o bolsonarismo, sistema político que vem governando o Brasil na atualidade. Para isso foi preciso estabelecer alguns parâmetros: 1) quais aproximações são feitas e por que são feitas (o foco foi especialmente com relação à mídia); e 2) o que é o fascismo, como ele se transformou ao longo dos anos e de que maneira ele se conecta com o bolsonarismo.

Para o primeiro momento foram apresentados diversos enunciados e, juntamente a eles, a base teórico-metodológica de análise. Afinal, entendemos enunciado, dentro da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, como dependente de uma relação entre língua e história (repetição e dispersão), fazendo funcionar juntamente com ele a descontinuidade histórica, os acontecimentos e o arquivo. Todo esse conjunto forma um todo analítico, um recorte arqueológico que nos possibilita pensar esses processos de ressignificação do fascismo na atualidade e sua possível aproximação com o bolsonarismo, conforme os veículos de comunicação apontaram. O que a mídia diz sobre o bolsonarismo? E o que diz sobre o fascismo? Foram essas as duas primeiras questões trabalhadas e, a partir delas, foi possível estabelecer um campo associado que conecta termos de convergência entre ambos os lados. Faltou, assim, estabelecer as bases do fascismo, enquanto conceito, e do bolsonarismo.

No segundo momento, o foco foi a noção de fascismo por meio de seu texto inaugural *A Doutrina*, de Benito Mussolini. Por meio da obra italiana, percebemos quais foram as bases conceituais e, juntamente à leitura feita por Umberto Eco, percebemos algumas características e mudanças essenciais. Além disso, as contribuições da psicologia social evidenciaram que o fascismo não foi um movimento estritamente político e que seu elemento de sustentação é o autoritarismo que, para nós, funciona como uma tecnologia de poder que atua principalmente nas relações cotidianas familiares. Dessa forma, o ponto de aproximação entre fascismo e bolsonarismo são as construções ligadas ao fracasso do sujeito (a lógica econômica) e a manutenção da estrutura (lógica moral).

Referências

ADORNO, Theodore. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ALMEIDA, Pauline de. TRE tira faixa antifascista da UFF e fiscais vão à Uerj; OAB acusa censura. **UOL**, 26 de out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/26/tre-tira-faixa-antifascista-da-uff-e-fiscais-vaio-a-uerj-oab-acusa-censura.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

AREIAS, Karilayn. Alunos da Uerj penduram faixa contra o fascismo após repercussão do caso UFF. **O DIA**, 24 out. 2018. Disponível em <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/10/5586515-alunos-da-uerj-penduram-faixa-contra-o-fascismo-apos-repercussao-do-caso-uff.html#foto=1>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

BAKER, Peter. Rise of Donald Trump tracks growing debate over global fascism. **NEW YORK TIMES**, 28 maio 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/05/29/world/europe/rise-of-donald-trump-tracks-growing-debate-over-global-fascism.html>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BARROS, Celso Rocha de. O olavismo é partido autoritário que falta ao bolsonarismo. **FOLHA DE S. PAULO**, São Paulo, 13 maio 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/celso-rocha-de-barros/2019/05/o-olavismo-e-o-partido-autoritario-que-falta-ao-bolsonarismo.shtml>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BNegão diz que teve show censurado. **UOL**, São Paulo, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/militar-filma-palestra-de-cientista-que-criticou-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CRUZ, Maria Teresa. Militar filma palestra de cientista que criticou Bolsonaro. **PONTE**, 25 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/militar-filma-palestra-de-cientista-que-criticou-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019

Estadão: "Bolsonaro não respeita nenhuma norma de civilidade e convivência democrática". **BRASIL 247**, São Paulo, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/midia/estadao-em-editorial-bolsonaro-nao-respeita-nenhuma-norma-de-convivencia-democratica>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. A Felicidade em práticas discursivas contemporâneas. In: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da. **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 209-236.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Felicidade, dispositivo de poder e produção de subjetividade. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: UduFSCar, 2016, p. 47-72.

FOGEL, Benjamin. Fascism has arrived in Brazil - Jair Bolsonaro's presidency will be worse than you think. **INDEPENDENT**, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/jair-bolsonaro-brazil-election-results-president-fascism-far-right-fernando-haddad-a8606391.html>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FOGEL, Benjamin. What Bolsonaro's election victory means. **MAIL & GUARDIAN**, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://mg.co.za/article/2018-10-28-what-bolsonaros-election-victory-could-mean>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento – Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a, p. 260-281.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento – Ditos e escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b, p. 260-281.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

GOOGLE TRENDS. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/yis/2018/BR/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima Valencise. **Pêcheux e Foucault na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

GOMES, Mayra Rodrigues. **O poder do jornalismo**. São Paulo: Hacker Editores. EDUSP, 2003.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Filipinas, reino do terror: política antidrogas já levou à execução quase 10.000 pessoas. **EL PAÍS**, 03 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/03/eps/1499089617_332439.html>. Acesso em: 03 nov. 2019.

Juristas, professores, magistrados e ex-ministros lançam manifesto por Haddad. **GAZETA DIGITAL**. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/imprime.php?cid=553275&sid=10>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

KAGAN, Robert. This is how fascism comes to America. **THE WASHINGTON POST**, 18 maio 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/this-is-how-fascism-comes-to-america/2016/05/17/c4e32c58-1c47-11e6-8c7b-6931e66333e7_story.html>. Acesso em: 03 nov. 2019.

MANIFESTO EM DEFESA DA DEMOCRACIA. Disponível em: <<https://www.oab.org.br/arquivos/manifesto-em-defesa-da-democracia-oab-cnbb-pdf-1217529846.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

MUSSOLINI, Benito. **A doutrina do fascismo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

MY NEWS. 2019. (121m52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iq_ek4YbQGw&list=PL0Ttp04MDYJdE-f17kTlstmPD3CD3EmPQ&index=15&t=0s>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz: reflexões sobre o discurso político brasileiro contemporâneo.** 2007. 278 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

PRAÇA, Sergio. Sergio Moro, empresários e autoritarismo. **EXAME**, 5 jul. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/sergio-praca/sergio-moro-empresarios-e-autoritarismo/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

REICH, Frederich Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROBINSON, Andy. A genuine fascist is on the verge of power in Brazil. **THE NATION**, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/a-genuine-fascist-is-on-the-verge-of-power-in-brazil/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ROSA, Ana Beatriz. Fascismo no Brasil? Especialistas analisam retórica de Jair Bolsonaro. **HUFFPOST**, 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/23/fascismo-no-brasil-especialistas-analisam-retorica-de-jair-bolsonaro_a_23566304/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.** São Carlos: Claraluz, 2004, p. 159-179.

SOUSA, Kátia Menezes de. Discursos de inovação e as urgências da sociedade: reflexões acerca do dispositivo de segurança de Michel Foucault. **Revista da ABRALIN**, v. 14, p. 73-91, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i2.42556>

WHEATCROFT, Geoffrey. Whose fascism is this, anyway? **NEW YORK TIMES**, 15 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/12/16/opinion/whose-fascism-is-this-anyway.html>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

Recebido em: 11 de agosto de 2020

Aceito em: 23 de setembro de 2020